AVEIRO, 20 DE JULHO DE 1974 • ANO XX • NÚMERO 1020

Litoral

SEMANÁRIO

Director e proprietário — David Cristo — Administrador — Camilo Augusto Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

O SEGUNDO GOVERNO PROVISÓRIO

PALMA CARLOS SUBSTITUÍDO POR VASCO GONÇALVES

Ao fim da tarde da pretérita quarta-feira, o Presidente da República, senhor General António de Spínola, comunicou ao País que se encontrava «formado o Segundo Governo da Segunda República, sob a presidência do senhor Coronel Vasco Gonçalves, Governo em que é mantida a coligação; Governo que irá funcionar sob o mesmo espírito colegial de agrupamento de coligação, mas com uma reforçada autoridade, resultante de ser presidido pelo homem que foi o cérebro do Movimento das Forças Armadas e, por conseguinte, o primeiro responsável pela elaboração do respectivo programa e, necessariamente, o seu mais fiel executante. Sendo assim, a vida política do País vai viver uma nova fase, uma fase de maior disciplina, disciplina cívica e disciplina social. Por conseguinte, vai ser restabelecido um clima de confiança no futuro».

Estas poucas palavras dão a medida exacta (e enorme) dos inequívocos propósitos das cimeiras nacionais — propósitos personificados, e a dinamizar, pelo Primeiro Ministro do Segundo Governo Provisório, cujas credenciais para o responsabilizante posto, em que sucede ao Prof. Palma Carlos, foram evidenciados e proclamadas, tão sucintamente quanto impressivamente, pelo supremo magistrado da Nação.

A constituição do gabinete da presidência do senhor Coronel Vasco dos Santos Gonçalves — nomeado Primeiro Ministro no último sábado — foi anunciada, depois do breve discurso do senhor General Spínola, pelo Chefe do Gabinete Civil da Presidência, senhor Tenente-Coronel Dias de Lima. O facto mais saliente é a entrada no novo elenco ministerial de elementos relevantes do Movimento das Forças Armadas — a começar no próprio Presidente, sendo os demais os senhores: Majores Vítor Manuel Rodrigues Alves e Ernesto Augusto de Melo Antunes (Ministros sem pasta e ambos, até agora, membros do Conselho de Estado); Tenente-Coronel Manuel da Costa Brás, até à presente da-

Continua na página 2

ADELINO DA PALMA CARLOS — Primeiro Ministro do primeiro Governo Provisório após o Movimento de 25 de Abril — esteve em Aveiro no dia 19 de Março de 1956, para proferir um discurso (gravura) na sessão comemorativa do I Centenário do Nascimento do Dr. José Maria Barbosa de Magalhães, inesquecível jurisconsulto e advogado aveirense. O orador, em certo passo da sua brilhante e substanciosa oração, afirmou que «no fundo de cada jurista há um político — às vezes adormecido». Ora, sendo ele grande jurista (não só teórico Professor de Direito mas um prático do Foro, «fundamentalmente advogado», como então acentuou), nele viria a concretizar-se a verdade do seu asserto: tendo deixado (em coerência consigo próprio) o posto cimeiro do Governo Provisório e, assim, liberto de compromissos, acordou para a política de um partido que porventura agora emerge do seu «fundo» de jurista.

'É PRECISO DIZER NÃO!'

CAROLINA HOMEM CHRISTO endereçou ao director deste jornal, em 15 do corrente, a seguinte carta:

Meu caro David

Acabo de ler no último número do semanário Independência de Águeda, *de 13-7-1974, que me foi trazido por mão amiga, um artigo do sr. Dr. Costa e Melo, no qual pretende dar réplica ao que escrevi, publicado no* Litoral *de 22 de Junho findo, sob a epígrafe «É preciso dizer NÃO!» (e de passagem: bem sabe que a «evidência» dada à palavra «NÃO» daquela epígrafe não foi mérito do «arranjo gráfico, sempre cuidado», do* Litoral, *como o articulista afirma e pretende, mas tão-só empenho meu de que assim fosse). O sr. Dr. Costa e Melo é colaborador do seu jornal, onde, segundo ele próprio diz, «nunca» sentiu «peias de qualquer espécie» no que lhe «dizia respeito» (e eu acrescento que, tanto quanto sei, não só ele, mas ninguém, com correcto escrito, jamais encontrou peias no seu jornal, honrado que o jornal é na sua verticalíssima isenção — e isto lho digo, sem escusada lisonja, para acentuar uma virtude que, hoje, é de justiça realçar muito acima do despudor, da mentira, do inescrupuloso e por vezes muito estúpido sensacionalismo que assentou arraiais em tantos dos diversos meios portugueses da Informação). Ora, sendo o sr. Dr Costa e Melo colaborador do* Litoral *— para mais, como afirma, sempre aí com a porta franqueada —, não dou com a razão que o levou a fugir do terreiro em que me apresentei de cara a descoberto, para atacar o meu escrito (e, o que é sumamente confrangedor, para me atacar pessoalmente, com aquela...* elegância *que se estadeia ao longo das suas «considerações») noutro jornal, lido por um público que, na sua maioria, só poderá julgar-me e fazer fé pelas insinuações e crítica torcida e retorcida do sr. Dr. Costa e Melo. E, porque não compreendo tal atitude (ia a dizer tomada «manhosamente» — a palavra é elegância dele), venho pedir-lhe que transcreva o artigo do sr. Dr. Costa e Melo, para os leitores do* Litoral, *com o pleno conhecimento de causa que o con-*

Continua na página 2

XXI CONGRESSO DOS BOMBEIROS PORTUGUESES

Comandante DR. LÚCIO LEMOS

Foi com uma certa surpresa da nossa parte, temos de confessá-lo, que recebemos, há dias, o boletim de inscrição para podermos participar no XXI Congresso dos Bombeiros Portugueses, marcado para a linda cidade de Tomar, no período que vai de 18 a 22 de Setembro próximo.

Se, por um lado, seria de esperar que a entidade escolhida em

Continua na página 2

Na Casa-Museu de EGAS MONIZ

O dia 14 de Julho é de coincidências na biografia do egrégio Prof. Egas Moniz: nesse dia desse mês, recebeu ele o grau de Doutor na Universidade de Coimbra; nesse dia desse mês nasceu, no Rio de Janeiro, a que viria a ser a sua dedicadíssima esposa; e até foi em 14 de Julho, há seis anos, que se abriram ao público as portas da Casa-Museu que o famoso sábio e esteta legou aos vindoures e justificadamente ostenta o seu nome glorioso.

Pois na Casa-Museu de Egas Moniz registou-se, na tarde do último domingo, a presença de numerosas individualidades (os mais empenhados visitantes eram elementos de clubes rotários) que foram ali para ver, em visita informal, uma parcela da copiosa documentária (jornais, fotografias, correspondência) exumada dos arquivos da Fundação que o grande cientista propiciou aos Portugueses e de que, necessariamente, é patrono, e trazida

Continua na página 2

ACONTECEU *em* ÁFRICA

PERIPÉCIAS DE UMA COMISSÃO MILITAR

DR. ARAÚJO E SÁ

29. A SARNA DO SENHOR MAJOR!

TAMBÉM esta «Aconteceu»! Sim, «Aconteceu em África». A «peripécia» trazida hoje às colunas do jornal, em reviver de tempos não saudosos, ia-me criando problemas graves. Nem sei se por culpa minha. Tenho dúvidas. Depende do prisma pelo qual a «peripécia» se veja. Em maré de liberdade, apelo para o leitor. Que seja ele a fazer justiça. Em legítima defesa, limitar-me-ei a narrar o sucedido.

Na vida, por mal dos nossos pecados, que nem tão poucos são, encontramos sempre um empecilho. E, durante a minha agitada comissão militar, vi-me da «cor da abelha» com um Senhor Major que chefiava determinada repartição. Por muitas voltas que desse ao «miolo», foi-me sempre impossível libertar-me dos desmandos, arrogâncias e inconveniências, até, do tal Senhor. (Se nunca lhe caí no goto — o que creio —, o certo é que também nunca o vi com bons olhos). Até porque as guias de marcha, a papelada inerente às licenças, os impressos

Continua na página 2

ACONTECEU *em* ÁFRICA

Continuação da 1.ª página

necessários à requisição de material diverso e tudo o mais que se não aparta da tradicionalíssima, horrenda, caricata, descabida, desnecessária, complicada e inconcebível máquina burocrática de requerimentos, selos, rubricas e assinaturas, passava-lhe pelas mãos. E como se tal não bastasse, havia um papel mal preenchido..., um selo mal colocado..., uma assinatura em lugar não previsto pelos regulamentos..., uma rubrica descentrada..., um carimbo a menos..., uma vírgula a mais..., um prazo ultrapassado... Enfim! O Senhor Major, parido para a papelada e seus comparsas, nunca me deixou em paz. A mim, que nunca aceitei a guerra... Que a detestei... Que lhe chamei nomes e roguei pragas... Que nunca a compreendi... Que jamais nos entendemos... Que sempre andámos divorciados... A mim, que entendo que a pólvora e o fumo mal cheiroso dos canhões estão longe de serem métodos utilizáveis na solução do antagonismo eterno do pensar dos homens... A mim, que não bato aos filhos, mas que com eles falo como um irmão mais velho...

Como se tal não bastasse, o dito Oficial aproveitava, com rara impertinência, encontrar-me na repartição ou no café, para me consultar, dado que a barriga, os ouvidos, o nariz, os calos e tudo o mais o apoquentavam. (Esquecido, sem dúvida, de que apoquentado andava eu sem que a barriga, os ouvidos, o nariz ou os calos me apoquentassem...).

Neurótico como era, olvidava que eu havia seguido para África para tratar de bocas e de nada mais. E já não era pouco! Nunca de tal se convenceu. Para quê «matar-me» a convencê-lo, inutilmente, do contrário? Afeito a papéis, creio bem que exigiria atestados, selos, carimbos, rubricas e assinaturas, para lhe dar a saber as minhas atribuições médicas regulamentares. Para evitar desnecessárias maçadas e alegando sempre pressa, lá lhe ia prescrevendo — contrafeito e sobre os joelhos — um xarope, uma pomada e umas gotas, sempre à mistura com meia dúzia de comprimidos para o desafinado «neuro-vegetativo», pois efectivamente o «miolo» andava-lhe pelas «ruas da amargura».

Foi numa sexta-feira. Recordo-me bem, pois havia chegado — exausto, suado, sujo de pó, com os ossos a doer — de uma dura itinerância à Damba. O Senhor Major abeirou-se de mim uma vez mais. Agora, para me revelar que tinha comichões! Não só ele, mas os filhos e a esposa também. Ai no que eu estava metido! Ainda o tentei empurrar para o Dr. Roque Mazarelo, o Tenente-Médico indiano a quem competia resolver, e não a mim, as mazelas extra-dentárias dos militares daquela zona do Norte de Angola. Mas foi em vão. Na verdade, o nosso Major coçava-se! E a família também. Levantou a camisa da farda, vendo-lhe a barriga e o umbigo até; tirou os sapatos e as calças, mirando-lhe as pernas. Fácil me foi acertar no diagnóstico : o nosso Major padecia de sarna! Além de o medicar com aquilo que se me afigurou aconselhável, fiz-lhe recomendações higiénicas indispensáveis e úteis, dando-lhe a saber a utilidade da roupa ser escaldada para que o «óbito» pudesse ser passado ao pertinaz e descarado «bicharoco» responsável pela incomodativa afecção dermatológica. O Senhor Major prometeu aviar o receituário, escaldar as cuecas e restante indumentária interior, desencardir a pele com duches quentes diários após avantajadas ensaboadelas. E deixou-me em paz. A mim, homem pacífico, que sempre andei na guerra pelos cabelos. Dias passados, encontrando-me na rua, não me poupou a estas palavras irónicas e mordazes, pronunciadas com manifesta e censurável grosseria :

— «Oh Doutor: eu e a família continuamos com comichões. Tenho de ir a Luanda consultar um especialista, pois você não percebe nada disto!»

Que o Senhor Major não era agradecido, já eu o adivinhava. Mas que fosse bruto, malcriado, boçal e inconveniente, fiquei a sabê-lo. E, então, pus-me no mesmo plano, usei as mesmas armas, a mesma linguagem, respondendo-lhe no mesmo tom. Reconheço que, de igual modo, fui bruto, malcriado e inconveniente. Mas não o poupei :

— «O tratamento da sua doença exige um Veterinário!».

O que eu fui dizer! Vi-o pálido..., colérico..., «despassarado»..., a morder-se..., com raiva (além das comichões!)..., espumando..., coçando os cabelos desgrenhados..., de boca seca..., testa franzida..., hirto..., olhar vítreo..., com as unhas a deixarem-se queimar pela ponta do cigarro... E ouvi-lhe, ainda, uma ameaça : que iria dar conhecimento ao «Nosso Brigadeiro» do que eu havia dito. (Nessa altura, fui eu a sentir cócegas e comichões! Não de sarna, mas de gozo... Que grande barraca!). Cumpriu o prometido. Até gosto dos homens assim — mesmo com sarna! —, que prometem e cumprem. Na verdade, dias volvidos, o Brigadeiro (pessoa admirável, compreensiva, de raro humor, a quem sempre me ligaram desinteressados laços de particular estima), em sua própria casa e à mistura com um whisky gelado, quis saber o motivo da «queixinha» lacrimosa do comichoso :

— «Oh Doutor: que é que você disse ao Senhor Major?».

Abafei a custo uma gargalhada, e contei-lhe a história. Na verdade, e após alçar uma das patas traseiras para avantajada mijadela numa das palmeiras viçosas do jardim em frente ao edifício do Comando da Zona Militar Norte, reparei que o cão (salvo seja!) do Senhor Major se roçava, desalmadamente, num arbusto, sinal indiscutível e incontestável de que o pobre «bicho» — à semelhança do patrão e seus familiares — tinha comichão também. Pareceu-me lógico supor que o cão padecesse não só de sarna, mas também que pudesse ser ele o responsável inocente pela impiedosa transmissão do desavergonhado «bicharoco» que trazia em legítimo sobressalto o agitado e coceguento lar do dito Oficial. Supondo válido o meu raciocínio, pois é evidente que se me afigurou da maior utilidade aconselhar o Senhor Major a ouvir a douta opinião de um Veterinário! Eis o motivo justificativo do meu bem intencionado conselho...

Com uma gargalhada à mistura, o meu amigo Brigadeiro concordou comigo, mesmo não percebendo patavina de medicina e de veterinária muito menos. O que se passou, não sei. Apenas poderei referir que, horas depois, o Dr. Vicente (o Alferes-Veterinário em serviço naquela zona operacional) me fez saber que havia diagnosticado sarna ao cão do Senhor Oficial e instituído a terapêutica que se lhe afigurou mais aconselhável.

Ainda bem, pois o Senhor Major, a esposa e os filhos deixaram de se coçar! Estavam curados, sem haverem tido necessidade de ir a Luanda consultar um médico especialista.

ARAÚJO E SÁ

Na Casa-Museu de Egas Moniz

Continuação da primeira página

à luz (a pedir mais ampla divulgação) nesta histórica quadra política nacional e neste ano em que se completará o Primeiro Centenário do nascimento do Português que foi «Luz da Humanidade».

A visita à interessante mostra foi precedida duma sessão, no acolhedor auditório agora integrado no complexo da Casa-Museu, a que presidiu o sr. Prof. Doutor Vítor Gil, Reitor da Universidade de Aveiro, ladeado pelos srs. Engenheiro Oliveira Dias, Director da Faculdade de Engenharia do Porto (ali também em representação do Reitor, sr. Prof. Doutor Rui Luís Gomes); Dr. Manuel Andrade, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Estarreja; Dr.ª Conceição Oliveira e Silva, pelo Liceu Nacional de Aveiro; Dr. José de Melo e Cunha, Director da Escola do Magistério Primário de Aveiro; Dr. António Manuel Gonçalves, Director do Museu de Aveiro e Conservador da Casa-Museu de Egas Moniz; prof. Boaventura Pereira de Melo, Presidente da Fundação; Dr. José de Oliveira e Silva, em representação dos Rotários; o escritor e crítico literário Dr. Álvaro Salema; e Jesus Zing, de «O Comércio do Porto», em representação da Imprensa.

No uso da palavra, o sr. prof. Boaventura Pereira de Melo disse do seu regozijo por ter podido dar cumprimento à vontade expressa pelo patrono daquela Casa, «que também chegou a sentir-se prisioneiro dentro da sua Pátria — ele que tanto a glorificou e honrou»; sublinhou o interesse — nacional — de alguns documentos que se referem à vida científica, política, literária e artística de Egas Moniz, considerando que se cometerá grave falta se não se promover a publicação da correspondência científica que o sábio recebeu do estrangeiro; e, depois de sublinhar que os documentos agora trazidos dos arcanos apenas representam uma reduzida parte do que está arquivado — escritos que «podem dar uma pálida ideia do que foi a vida de luta que Egas Moniz suportou heroicamente contra a supressão dos direitos do homem e das liberdades fundamentais, contra as perseguições e injustiças e contra os rigores da censura» —, o orador referiu a coincidência dos acontecimentos a que inicialmente nos referimos nesta nota e que contavam seus aniversários precisamente naquele dia. Disse que Egas Moniz, não tendo dotado suficientemente a Fundação, «mediu com exacta clarividência a grandeza da obra e a modéstia do meio em que ficou implantada»; e acrescentou: «Num escrito que conservamos e que com outros desejamos publicar, ele deixou dito precisamente isto: *Espero que o Governo do meu País que venha a apreciar o meu gesto auxilie o meu empreendimento, e entregue a técnicos a orientação e conservação do Museu, no que respeita à parte cultural e artística, de acordo com a direcção que proponho, garantia de fixação desta Casa e nesta terra.* E o orador concluiu por manifestar a sua esperança de que, neste ano em que se regista o Centenário do Nascimento de Egas Moniz, seja ouvido, atendido e satisfeito o seu apelo, o que será «a maior e mais grata homenagem que à sua memória se pode prestar — o que já é tempo».

O Dr. Fernando Namora — melhor: o escritor Fernando Namora —, médico que arrancou da prática errante, mas devotada, da sua medicina toda a fidelidade para a vivência das personagens que *realmente vivem* nos seus livros, estava a quadrar para a evocação de Egas Moniz; e a lição (a que chamou «conversa») com que, no domingo, ele culminou a sessão de Avanca, foi ao jeito da expectativa do auditório e situou se à altura dos méritos do orador. Falou do sábio, do investigador galardoado com o Prémio Nobel, do lutador inconformista, do homem de letras, do político. O exemplo da exemplar personalidade de Egas Moniz, e, mais particularmente, a sua faceta de literato, serviu a Fernando Namora para equacionar literatura e sociedade, escritor e tempo; acentuou que o papel que a literatura e o escritor tiveram na sociedade portuguesa foi — na era agora, e de há pouco, pregressa —, de riquíssima resistência, mal avaliada sobretudo no estrangeiro — e salientou o nome de Ferreira de Castro, nado, como Egas Moniz, em terras aveirenses. Em dada altura, Fernando Namora inquiriu: «A literatura quer penetrar-se de uma nova realidade, ou simplesmente está a voltar as costas a toda e qualquer realidade? Se o escritor se contenta com *funcionar* no interior do fundamento de uma sociedade sem o pôr em causa, o escritor não se arriscará, afinal, a tornar-se o auto-fornecedor recuperável por essa sociedade que o inocenta? Não se arriscará a falar para nada dizer ou a falar apenas para um círculo de eleitores, conquanto apregoe as suas afinidades com as massas? Por outras palavras: o desmantelar da linguagem burguesa não será, no fim de contas, e como tem sido apontado, um luxo da burguesia?». E disse, a concluir: «O escritor português tem agora um outro desafio: a sociedade a refazer. Não pode ser apenas um propósito mas um propósito exaltante, de que o Prof. Egas Moniz nos deu um altíssimo exemplo».

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE AVEIRO

AVISO

Avisam-se os Exmos. Consumidores que em virtude de férias do pessoal e por se encontrarem muitas casas encerradas no mês de AGOSTO, o serviço de leitura e cobrança relativo a esse mês, realizar-se-á conjuntamente com o serviço do mês de Setembro.

Como até ao dia 11 de Agosto será feita a cobrança do mês anterior, os Exmos. Consumidores que não tenham possibilidade de efectuar o pagamento dos recibos de Julho, antes de se ausentarem deverão fazer o reforço do depósito de garantia.

A DIRECÇÃO

'É preciso dizer NÃO!'

Continuação da 1.ª página

fronto dos dois artigos lhes faculta, tirem, assim esclarecidos, as suas próprias conclusões.

Está bem?

Um abraço da prima amiga e grata

Carolina.

Anuindo ao pedido formulado, e com a vénia devida ao prezado colega *Independência d'Águeda*, aqui se transcreve o artigo:

COM LICENÇA, MINHA SENHORA

Considerações de COSTA E MELO a propósito do despropósito de um artigo que CAROLINA HOMEM CRISTO publicou no jornal LITORAL, de 22 de Junho de 1974.

Não deixou de me impressionar o artigo. Assinado por uma Senhora, herdeira de um nome que é brazão da terra a que me acolhi e considero minha; publicado num jornal em que tenho gostosamente colaborado e onde nunca senti — importa confessá-lo — peias de qualquer espécie no que me dizia respeito; esse artigo a que o arranjo gráfico, sempre cuidado, nesse jornal, deu evidência ao NÃO que o encabeça, é despropósito a que, por frontalmente invertebrado de verdade, falta a franqueza inda que rude, sempre de desejar nas fréchadas que nos são dirigidas ou às posições ideológicas que ocupamos ou nos habituámos a respeitar.

Eis porque aqui estamos na disposição firme de pôr os pontos nos i...i...i..., frente a frente, cara na cara, olhos nos olhos, mangas arregaçadas porque delas, compridas, não carecemos por nelas nada termos que esconder.

Com licença, pois, minha Senhora!

O primeiro período do seu artigo é uma obra acabada de «manhosice» em que o *«estrangulamento da democracia»* (Qual daquelas que constam do seu dicionário próprio?) é invocado como situação de perigo surgida pela falta de coragem para retardar decisões. E o despropósito vai mais longe quando nele se ousa dizer, ou melhor, aludir, a uma *«aflitiva falta de civismo»*.

E note-se que essa aflitiva falta de civismo não é atirada à cara do povo português como falta dos governos nocturnos que o impediram de ter o tal caderninho de instrução primária em que se ensinava — há muitos anos já, como bem lembra — aquilo que agora diz faltar e que falta, não de 25 de Abril para cá, como «manhosamente» inculca, mas com referência a outra data, também primaveril mas maligna, a de 28 de Maio.

Quando se viveu, em Lisboa ou fora dela, a jornada do 1.º de Maio que, a menos de uma semana, coroou de civismo espontâneo o Movimento do 25 de Abril, não poderá, sem desonestidade, acusar-se de falta de civismo o povo português.

Sobretudo quando se oculta um período, longo de quase meio século, para se aludir, em chicote ou vergasta à incomodidade de *«por causa de revoluções»* ter de ficar uma noite ou outra em casa de amigos ou amigas.

Essa incomodidade que lhe serviu de mote, minha Senhora, o que é, para quem seja sensível à dor física e à tortura moral, comparada àquela que ainda há dias a TV nos revelou e em que uma Senhora — sim, uma Senhora, e não a única — foi obrigada pela *«força do civismo, da ordem e da tolerância»* chamada PIDE a estar de pé, durante dias, despojando-se da roupa interior que lhe deixaram, para limpar os excrementos, a urina e o próprio fluxo menstrual que lhe escorriam pelas pernas, ante os olhos gozozos daqueles a quem, certamente, no entender da Senhora Dona Carolina, não seria preciso dizer NÃO?!!!

O despropósito no artigo a propósito do qual teço estas considerações, está na ocultação manhosa de um período negro para desvalorizar, por confronto, um outro período em que, se houve desmandos, importaria dizer, apontando-as, as suas razões e origens.

A pouco mais de dois meses duma benéfica e higiénica convulsão, não há a *«corrida louca que se leva para a desordem e anarquia»* que tanto parece temer. As sacudidelas nas estruturas protectoras de todo o mundo de iniquidades que o fascismo português foi e pretende continuar a ser, agora mascarado de democracia de ocasião, não são desordem nem anarquia porque são vida, incómodas para uns tantos, mas necessárias para marcar posições, as justas posições de uma luta justa, mesmo que se limitem a um apontar de erros e a uma demonstração do poder das massas face às massas da tirania, de que Aveiro, ainda há pouco, sofreu a vergonha nas suas ruas.

Naquele chorrilho de diatribes com que brinda os 16 anos da primeira República, talvez que a Dona Carolina se esquecesse de mencionar a verdade toda, aquela que foi tristemente causada pelos «patriotas» que criminosamente amordaçaram uma Pátria, durante 48 anos e a empurraram através da *«degradação moral»* e das *«burlas»* para o estado caótico de que está a tentar sair porque lhe foi concedida, finalmente, a Liberdade que soube conquistar e merecer.

Mas até esta passagem do seu artigo, minha Senhora, mostra a medida do seu metro de avaliação dos homens do 25 de Abril.

É que não foram *«os homens mais jovens das forças armadas, generosos e bem intencionados, mas possivelmente menos conhecedores da história política contemporânea que se propuseram seguir os seus generais...»* mas sim estes que, aliás com orgulho, publicamente confessado pelo General Spínola, seguiram os tais homens jovens das forças armadas.

Foram estes, bem conhecedores — ao contrário do que julga a Senhora D. Carolina — da história política contemporânea (aquela que pudicamente é tapada pela saia da D. Carolina) que fizeram a Revolução das Flores, limpa e arejada e patriótica e a quiseram oferecer em bandeja de liberdade e de cravos vermelhos, aos Generais que julgaram ser dignos dela. E foram-no, até agora, até pela coragem que tiveram ao afastar dos canos das espingardas e metralhadoras de morte, aqueles deles que não julgaram capazes de sentir orgulho ao ver substituir baionetas por cravos e tirania por liberdade.

Quando a Senhora D. Carolina, no seu artigo, alude, medrosa, a formigas brancas, secretas, carbonários e outros sectores activistas do tempo da primeira República, fá-lo de má fé e com o único objectivo de confundir. O quadro histórico de qualquer época tem que ser acompanhado de todo o condicionalismo que o integrou ou determinou.

Porque não citou a Senhora D. Carolina as incursões monárquicas saídas «patrioticamente» da Galiza para dar a Afonso XIII o que os monárquicos de então não queriam fosse governado por Afonso Costa?

Porque não citou a D. Carolina a «patriótica» punhalada vibrada nas costas da jovem República pelos da intentona da Traulitânia, em que se celebrizaram, através de barbaridades sem nome, os discípulos do Sollari Alegro de então, o do Teatro Eden, do Porto?

Porque não citou ou referiu os assassinos covardes do 19 de Outubro, aliciados, comandados e pagos por conspiradores entre os quais pontificava o famigerado Padre Maximiliano de Lima?

Porque não referiu que muitas dessas revoluções de umas horas que a obrigaram, algumas vezes, segundo diz e eu acredito, a passar a noite em casa de amigos, foram organizadas e feitas pelos inimigos da República, ainda jovem e criminosamente crédula na boa fé que julgou existir nos adesivos de então, tão parecidos com os de agora, na sinceridade e nos ...objectivos?

Não lhe fica bem, Senhora D. Carolina, ensinar Democracia pela forma como o tenta **fazer**.

Os democratas que passaram pela PIDE e que pelas ruas, campos, fábricas e escritórios, souberam manter-se verticais na esperança e agora, com ou sem irreverências, com ou sem exageros, com ou sem incomodidades próprias ou alheias, se deram as mãos para consolidar as condições mínimas para a Libertação do povo português, não só repelem a ajuda paternalista, ou, vá lá, maternalista, que lhes pretende dar, como até — e isto é importante — lha não consentem.

É que não basta ser filha de um Democrata para ser professora de Democracia!

Quando seu irmão, em 1923, publicou o livro que reputo sinceramente de notável, como tratado de apologética prática, que sub-intitulou de *«arenga às multidões latinas»* e nele considerou Mussolini como *«modelo alto de energia sagrada e reunião inesperada das virtudes necessárias à renovação do mundo latino»* talvez não pressentisse o tirano. Mas quando, mais tarde, este surgiu como César de Carnaval, na feliz expressão de Ludwing, a apologética tornou-se fanatismo e o tirano, por mais endeusado, não cessou de o contar entre os caudatários mais fiéis.

Já vê, Senhora D. Carolina, que a origem nem sempre marca o rumo do barco.

E agora que lhe mostrei o quanto os Democratas dispensam os seus ensinamentos e os repelem por afrontosos e eivados de «manhosice» suspeita, declaro-lhe que não lhe chamarei fascista, não será preciso, mas não me dispensarei de lhe dizer, para terminar, que nós, os velhos, só temos uma maneira de não o ser: é defender e lutar por causas justas e nobres e ideias novas e isentas de bulores, teias de aranha e reumatismos quejandos.

M. DA COSTA E MELO

XXI CONGRESSO dos Bombeiros Portugueses

Continuação da primeira página

Viseu, em 1972, para organizar o Congresso deste ano e a Liga dos Bombeiros Portugueses pensassem e decidissem aproveitar este momento de viragem nos destinos do País para colocar (finalmente) os Bombeiros de Portugal — muito particularmente os Voluntários — nos caminhos de uma dignificação que eles bem merecem (por eles e pelas populações a quem servem) e que, desde há muito, têm vindo, respeitosamente, a solicitar junto de (tantas) «orelhas moucas», por outro, entendíamos que o curto espaço de tempo que nos separa(va) da data tradicionalmente escolhida para a realização de tão importante «Assembleia Magna» dos Bombeiros (mês de Setembro) seria razão forte para levar os responsáveis a concluir que não valia a pena meterem-se em problemas sérios, ingratos e difíceis.

Felizmente que tudo se conjugou — e por tal forma que o Congresso/74 (ponto de partida para uma vida melhor dos Bombeiros?) está já em marcha.

Um voto muito sincero formula, a terminar este breve apontamento, quem, como nós, já tinha perdido todas as esperanças (será necessário explicar as razões, todas as razões?) de que, do alto, bem do alto, donde dizem vir a luz, se olhasse com todo o *AMOR* e com a maior compreensão para tudo o que diz respeito à vida (difícil) e à sobrevivência de uma família de 300 e tal Corporações de Bombeiros, englobando cerca de 100 000 (*cem mil*) almas, todas, de uma forma ou de outra, generosamente dedicadas ao bem do seu semelhante, seja ele rico ou pobre, seja ele amigo ou inimigo.

Pois que o XXI Congresso dos Bombeiros Portugueses, depois de realizado, não venha a ser condenado a ter os mesmos nulos resultados dos vinte que o precederam.

LÚCIO LEMOS

O Segundo Governo Provisório

Continuação da primeira página

ta elemento da Comissão Administrativa da RTP, do Gabinete do Ministro da Defesa e Adjunto Militar do Primeiro Ministro (Administração Interna); Capitão José Inácio da Costa Martins, membro do Conselho de Estado (Trabalho); Major José Eduardo Fernandes de Sanches Osório, que exercia as funções de Director-Geral da Informação (Comunicação Social); e Tenente-Coronel Mário Firmino Miguel (Defesa Nacional, pasta que já anteriormente sobraçava). Sete militares, num Gabinete que conta dezassete Ministros, sendo os civis os senhores: Drs. Álvaro Cunhal e Joaquim Jorge Magalhães Mota (Ministros sem pasta), o primeiro reconduzido no mesmo posto e, o segundo, anterior Ministro da Administração Interna; Dr. Francisco Salgado Zenha (como anteriormente, Ministro da Justiça); Dr. Emílio Rui da Veiga Peixoto Vilar, anteriormente Secretário de Estado do Comércio Externo e Turismo (Economia); Dr. José da Silva Lopes, antecedentemente no cargo de Secretário de Estado das Finanças (agora Ministro das Finanças); Dr. Mário Soares, na pasta que já sobraçava (Negócios Estrangeiros); Eng.º José Augusto Fernandes (Equipamento Social e Ambiente); Prof. Dr. Vitorino Magalhães Godinho (Educação e Cultura); e Eng.ª Maria de Lurdes Pintassilgo, Secretária de Estado da Segurança Social no anterior Gabinete (Assuntos Sociais).

A posse dos novos Ministros foi-lhes conferida na manhã de anteontem, no Palácio de Belém.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	SAUDE
Domingo	OUDINOT
2.ª-feira	NETO
3.ª-feira	MOURA
4.ª-feira	CENTRAL
5.ª-feira	MODERNA
6.ª-feira	ALA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

Sessão de Esclarecimento do Partido Comunista

Organizado pelo Comité Regional das Beiras do Partido Comunista, efectuou-se, no Teatro Aveirense, uma sessão de esclarecimento político, com numerosa participação popular, que encheu por completo aquela casa de espectáculos.

Presidiu o sr. Rogério de Carvalho, Membro do Comité Central do Partido, que se encontrava ladeado por elementos dos vários partidos de Aveiro e convidados.

Intervieram na sessão os srs. Dr. Flávio Sardo, do Movimento Democrático do Distrito; Dr. António Neto Brandão, do Movimento Democrático de Aveiro; Dr. Manuel da Costa e Melo, do Partido Socialista; Eng.º Flávio Martins, do Movimento Livre dos Agricultores; Henrique Florentino, João Simões Miranda e Augusto Simões Castro, do Comité Concelhio do P.C.P.; Carlos Figueira, da Organização Regional do Norte; e Rogério de Carvalho, do Comité Central do P.C.P., que encerrou a sessão.

Todos os oradores explanaram a actual situação política do País nos seus diversos objectivos, como sejam: a defesa e consolidação das liberdades democráticas; fim da guerra colonial; desenvolvimento da agricultura; fim à exploração económica, e ainda, fundamentalmente, estabelecer a fraternidade entre os homens e os povos.

LICEU NACIONAL DE AVEIRO

Na sua data, e com o pedido de publicação, foi-nos entregue o seguinte comunicado:

Foram aprovados nos Conselhos Escolares de 14/6 e 5/7, respectivamente, as seguintes propostas da Comissão Directiva:

1) — Deslocação a Lisboa de uma Comissão com o fim de formular ao Secretário de Estado da Reforma Educativa o pedido da transformação da actual Secção Feminina do Liceu em Liceu misto independente (aprovado por unanimidade).

2) — Restituição da designação de «Liceu José Estêvão» para o actual «Liceu Nacional de Aveiro» e designação de «Liceu Mário Sacramento» para o novo Liceu (aprovado por maioria).

Liceu Nacional de Aveiro, 16 de Julho de 1974.

a) *Maria José Senos Fonseca*

OPERÁRIO ELECTROCUTADO

Quando, no novo complexo fabril de Jerónimo Pereira Campos, Filhos, na estrada de Tabueira, pretendia ligar uma ficha, foi vítima de violento choque, que lhe causou morte imediata, o servente sr. Manuel José da Silva, de 35 anos de idade, casado, natural do Bunheiro, Murtosa, e residente no lugar de Canedo de Além, Pardilhó.

O inditoso operário foi transportado na ambulância do «115» ao Hospital desta cidade, tendo o seu corpo dado entrada na casa mortuária daquele estabelecimento.

«A GREVE E A LUTA DE CLASSES»

Na noite da próxima sexta-feira, 26, às 21.30 horas, realizar-se-á, no CEFAS, em Águeda, um Encontro de Esclarecimento sobre «A Greve e a Luta de Classes», orientado pelo Professor da Faculdade de Filosofia de Braga e nosso distinto colaborador Padre Dr. Filipe Rocha.

No referido Encontro, serão tratados os seguintes pontos: 1 — Várias espécies de greve; 2 — A greve e as suas finalidades; 3 — A LUTA DE CLASSES na concepção marxista. 4 — A LUTA DE CLASSES na concepção cristã; 5 — Legitimidade da greve: na legislação de alguns Estados, e na doutrina da Igreja; 6 — Regulamentação da greve: na legislação de alguns Estados, e na doutrina da Igreja.

A entrada é gratuita.

PROVAS DE MAR DO «ADÉLIA MARIA»

Após ter recebido os últimos acabamentos, já depois de estar a flutuar, o moderno arrastão bacalhoeiro «Aléiia Maria», pertencente à conceituada empresa armadora José Maria Vilarinho, desta praça, procedeu, na última quarta-feira, às provas de mar, preparando-se, assim, para a sua primeira viagem aos longínquos mares da Terra Nova.

REGRESSO DUM BACALHOEIRO

Atracou ao cais bacalhoeiro da Gafanha da Nazaré o arrastão de pesca pela pôpa «Maria Teixeira Vilarinho», com um carregamento de cerca de 18 mil quintais de bacalhau e 1 000 toneladas de peixe congelado.

BAIRRO DA MISERICÓRDIA

Segundo a legislação em vigor, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal acaba de indeferir o pedido de alguns moradores do Bairro da Misericórdia para aquisição das casas que habitam.

No entanto, se a expropriação do Bairro vier a concretizar-se para as previstas obras urbanísticas, a Câmara assegurará novas habitações para os seus moradores.

MOVIMENTO HOSPITALAR

Durante o mês de Junho findo, o Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro registou o seguinte movimento:

Internamentos — existentes em 31-5-74, 108; entrados durante o mês de Junho, 393. saídos, 382; existentes em 30-6-74, 119.

Serviço de Urgência — consultas no Banco, 840; tratamentos, 515; injecções, 298.

Banco de Sangue — transfusões de sangue, 92; transfusões de plasma, 3.

Intervenções Cirúrgicas — de grande cirurgia, 120; de pequena cirurgia, 22.

Raios X — radiografias efectuadas, 558; sessões de fisioterapia, 117.

Análises Clínicas — análises diversas, 1 573.

Consulta Externa — consultas, 510; tratamentos, 415; injecções, 213.

Obstectrícia — partos, 35.

Agradecimento

Lucília Alves Pinto

Sua família, impossibilitada de agradecer, por falta de endereços, a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar pelo falecimento da saudosa extinta, e a acompanharam à sua última morada, vem fazê-lo por este meio, profundamente reconhecida, pedindo desculpa de qualquer falta cometida involuntariamente.

ACTIVIDADES DE FÉRIAS PARA JOVENS

Um grupo de pais, residentes na freguesia da Glória, em directa colaboração com o Pároco, efectuou várias reuniões de reflexão e trabalho, das quais resultaria a organização de um programa de actividades para jovens paroquianos que desejem aproveitar as férias, como período útil de valorização pessoal, a iniciar ainda no corrente mês de Julho e para o qual está aberta a inscrição, que é gratuita.

O plano: *Decoração* — D. Maria Arminda Valente (tel. 23094), às 2.as e 5.as-feiras das 14.30 às 16.30 horas; *Culinária* — D. Maria de Lurdes Pinto Furtado (tel. 22294) e D. Maria da Glória Granjeia (tel. 22556), às 3.as e 6.as-feiras, das 15 às 17 horas; *Enfermagem* — D. Maria Clara Barroca (tel. 23664), às 2.as e 6.as-feiras, das 16.30 às 18.30 horas; *Música* — Rodrigo Silveirinha (tel. 27198), às 3.as e 5.as-feiras, das 11 às 13 horas; *Xadrez* — D. Maria Augusta da Cunha Dias (tel. 23594), dias, hora e local a indicar; *Natação* — ensino gratuito para crianças dos 7 aos 12 anos, na Escola de Natação de Aveiro (inscrições das 10 às 12 e das 16 às 18 horas), no Pavilhão Gimnodesportivo.

Também se encontra aberta a inscrição para todos os jovens interessados em trabalho de férias na fábrica de Celulose, em Cacia (Secção de Pessoal).

DELIBERAÇÕES SOBRE O TRÂNSITO

Em reunião camarária, foram aprovadas mais as seguintes deliberações sobre trânsito:

— Que na Rua do Dr. Mário Sacramento, próximo do entroncamento com a Rua de Aires Barbosa, seja colocada uma placa de sinalização indicando a proximidade de estrada com prioridade de passagem.

— Vão, também, ser mudadas as paragens dos autocarros dos transportes colectivos urbanos dos Serviços Municipalizados existentes em frente dos prédios com os números 75 e 96, nos sentidos, respectivamente, descendente e ascendente, na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho. Por sua vez, vai ser delimitado com traços bem visíveis, nos aludidos lugares, o espaço reservado aos referidos autocarros com uma distância não superior a 30 metros.

— Foi ainda deliberado solicitar ao Comando da P.S.P. para exercer uma maior vigilância tendente a impedir o estacionamento em lugares reservados às paragens dos autocarros e, igualmente, o estacionamento a par, na mencionada Avenida do Dr. Lourenço Peixinho.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

Teatro Aveirense

Sábado, 20 — às 21.30 horas — A MAIOR PROEZA DO OESTE — para maiores de 14 anos.

Noite de sábado para domingo — MORRE MONSTRO, MORRE — para maiores de 18 anos.

Domingo, 21 — às 15.30 e 21.30 horas — UM TOQUE DE CLASSE — com Glenda Jackson e George Segal — para maiores de 18 anos.

Terça-feira, 23 — às 21.30 horas — O HOMEM QUE DEIXOU DE FUMAR — um filme de Tage Danielson — para maiores de 18 anos.

Quinta-feira, 25 — às 21.30 horas — O AMOR QUE ME SALVOU — para maiores de 18 anos.

Cine-Teatro Avenida

Sábado, 20 — às 21.30 horas — A QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO — com Sophia Loren, Anthony Quayle e Alec Guinness — para maiores de 10 anos.

Domingo, 21 — às 15.30 e 21.30 horas — HELENA, A GREGA — com Raquel Welch e Richard Johnson — para maiores de 18 anos.

Brevemente:

UM HOMEM DE SORTE — OUTONO ESCALDANTE — O MARQUÊS e VIVA D'JANGO.

FALECERAM:

ANTÓNIO JOAQUIM DA CUNHA

Com 60 anos de idade, e após longo sofrimento, faleceu, na passada terça-feira, na Casa de Saúde da Vera-Cruz, o sr. António Joaquim da Cunha, funcionário da Câmara Municipal de Aveiro.

O saudoso extinto, que gozava de geral estima e muita consideração, era casado com a sr.ª D. Maria das Dores Pinho Moreira da Cunha; pai das sr.as D. Maria Madalena Pinho Moreira Cunha, casada com o sr. Luís Gomes; D. Maria de Fátima Pinho Moreira da Cunha, casada com o sr. Diamantino Manuel dos Reis Dias; D. Laura Maria Pinho Moreira da Cunha, casada com o sr. Carlos Picado; D. Dália Raquel Moreira da Cunha, casada com o sr. João Serrano da Naia Fortes; e do sr. Emanuel Moreira da Cunha.

O funeral realizou-se no dia imediato, após missa de corpo-presente na igreja da Misericórdia, para o Cemitério Sul.

ÁLVARO FERREIRA VIDAL

Na manhã da última quarta-feira, 17, faleceu, em Oliveira de Azeméis, vítima de brutal acidente de viação, o sr. Álvaro Ferreira Vidal, zeloso e distinto funcionário da Agência do Banco Borges & Irmão desta cidade.

Contava 31 anos de idade.

O seu passamento, porque inesperado, causou profunda consternação em quantos o conheciam e lhe reconheciam os seus exemplares dotes de verticalidade e de camaradagem.

Deixa viúva a sr.ª D. Maria de La-Salete da Silva Matias e era pai de um menino de 4 anos de idade.

Foi a sepultar no Cemitério Sul, no dia imediato, após missa de corpo-presente na igreja de S. Bernardo.

CORAL VERA CRUZ

Para minorar as dificuldades financeiras com que se debate o prestigioso Coral Vera Cruz, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal deliberou atribuir àquele agrupamento um subsídio de cinco mil escudos.

ASSALTO SEM PROVEITO

Durante uma das últimas noites da semana finda, foi assaltado o estabelecimento de jogos e bilhares «Bólide», na Rua de Domingos Carrancho, tendo o autor da proeza entrado por um postigo das traseiras do edifício e dali furtado a quantia de 3 040$00 e alguns maços de tabaco.

Entretanto, o assalto não teve o proveito previsto, pois o seu autor, José Gomes, mais conhecido por «Zé Mau», foi mal sucedido desta vez, e isto pelo facto do polícia de giro ter sido alertado pela sua presença naquele local.

Detido o «Zé Mau», este acabaria por confessar a autoria do assalto, tendo sido recuperado o valor do furto.

50 ANOS DE BENEMERÊNCIA

Bombeiros Voluntários de Estarreja

No último domingo, 14, a prestante Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Estarreja festejou meio século da sua operosa vivência.

De manhã, depois de uma salva de morteiros, foram hasteadas, perante formatura do Corpo Activo, com fanfarra, as bandeiras Municipal, dos Bombeiros do Distrito de Aveiro e da aniversariante, seguindo-se uma homenagem aos Mortos da Grande Guerra, junto do respectivo monumento, missa de acção de graças pelo 50.º Aniversário e de sufrágio pelos bombeiros, sócios e benfeitores falecidos, romagem ao cemitério e inauguração, ali, de um monumento. De tarde, após recepção às entidades oficiais e revista à formatura da corporação, procedeu-se à bênção de duas novas e magníficas viaturas: uma ambulância, oferecida pelo distinto estarrejense Francisco Marques Garrido (homenageado, com uma lápide, descerrada no quartel-sede na tarde do mesma tarde); e um carro «Land-Rover» para incêndios. Numerosas corporações (com larga representação dos Bombeiros do Distrito) desfilaram pelas principais ruas da vila e, finalmente, perante o Inspector do Serviço de Incêndios da Zona Norte, sr. Coronel de Engenharia Alexandre Guedes de Magalhães. Seguiu-se um simulacro de incêndio e salvamentos, que revelou o apuro técnico e a destreza do Corpo Activo dos Bombeiros de Estarreja. Depois, foi a sessão solene, durante a qual vários oradores evocaram algumas das mais dedicadas personalidades que se devotaram à corporação, designadamente o homem que primeiro a comandou, o saudoso fundador António Augusto Souto Alves, e o benemérito Francisco Marques Garrido, ali representado, porque ausente em longínquas paragens, por um dos seus melhores amigos.

Numa merenda, com que culminou aquele dia festivo, reuniram-se numerosos convivas em franca e sã camaradagem.

I ENCONTRO NACIONAL DE HOSPITAIS DISTRITAIS

Foi marcado para ontem, sexta-feira, no Liceu Nacional de Aveiro, o início do I Encontro Nacional dos Trabalhadores dos Hospitais Distritais, no qual serão tratados assuntos de capital importância para o funcionamento daqueles estabelecimentos hospitalares, encontro que se encerrará amanhã.

VIMOS EM AVEIRO:

— o nosso bom e distinto amigo Coronel Américo Roborêdo.

— o nosso conterrâneo Américo Picado, que veio, com sua esposa, da América do Norte, onde se radicou como reputado alfaiate-costureiro, passar as suas costumadas férias de Verão;

— o nosso assinante Felicíssimo Carvalheira, radicado na cidade norte-americana de Oakland, que, com sua esposa e filhos, se encontra a veranear na Praia da Barra;

— o nosso bom amigo Augusto Ferreira Matias, radicado, há cerca de três anos, na Alemanha, que se encontra entre nós em gozo de merecidas férias.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE VAGOS

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Pela secção de Processos desta comarca, sorrem éditos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado MANUEL MARIA DAS NEVES, também conhecido por MANUEL MARIA VIEGAS DAS NEVES, casado, agricultor, residente no lugar e freguesia da Gafanha da Boa Hora, deste concelho e comarca de Vagos, para, no prazo de DEZ DIAS, posteriores ao dos éditos reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução de sentença movida por Maria Fernanda de Jesus Carvalho, casada, doméstica, residente no referido lugar e freguesia de Gafanha da Boa Hora.

Vagos, 9 de Julho de 1974

O Juiz de Direito,

a) **José Dias Barata Figueira**

O Escrivão de Direito,

a) **António José Robalo de Almeida**

LITORAL - Aveiro, 20/7/74 - N.º 1020

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

PRIMEIRO CARTÓRIO

Teatro Aveirense, Limitada — Aveiro

CERTIFICO, para publicação, que, por efeito de acordo de credores, por escritura de 10 de Julho de 1974 de fls. 78 v.° a 99, do L.° próprio n.° 8-D, deste Cartório, outorgada perante o notário L.° Joaquim Tavares da Silveira, a sociedade anónima de responsabilidade limitada «Teatro Aveirense S.A.R.L.», com sede nesta cidade, foi transformada em sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada «Teatro Aveirense, L.da» constituindo-se a nova sociedade de harmonia com o referido acordo e as disposições legais respectivas e cujo Pacto Social ali fixado e por que passa a reger-se é o seguinte:

«1.° — A Sociedade adopta a firma TEATRO AVEIRENSE, LIMITADA, e tem a sua sede em Aveiro, sendo o seu início o da celebração da respectiva escritura e a sua duração indeterminada.

2.° — O seu objecto é a exploração de quaisquer espectáculos públicos, podendo exercer qualquer outra indústria ou comércio, que a Sociedade resolva e não necessite de autorização especial.

3.° — O capital social será o que resultar da soma dos créditos dos credores aceitantes deste acordo, acrescida dos créditos dos credores que a ele aderirem, mas apenas na percentagem de vinte por cento sobre os respectivos montantes, depois de deduzidas as responsabilidades subsistentes para com os que não tenham feito ou intervindo no acordo, tudo de harmonia com o disposto na alínea b) do artigo mil duzentos e oitenta e seis (hoje artigo mil cento e sessenta e sete e seu texto) do Código de Processo Civil, realizando-se as respecivas quotas nesta conformidade e na mencionada proporção.

Em consequência, é o capital social, inteiramente realizado, na forma referida, do montante de SETECENTOS E OITENTA MIL SEISCENTOS E TRINTA ESCUDOS, dividido em quarenta e duas quotas, pertencentes:

Uma de 183$90 ao sobredito Agnelo Casimiro Ferreira da Silva;

Uma de 4 721$50 ao sobredito Ulisses Pereira;

Uma de 7 773$30 ao sobredito António da Costa Ferreira;

Uma de 9 443$00, em comum e sem determinação de parte, aos sobreditos Laura Justina Estrela Esteves, Dr. Manuel Inocêncio Estrela Esteves, Alfredo Alberto de Seabra Estrela Esteves, Manuel José de Seabra Estrela Esteves e Maria Teresa de Seabra Estrela Esteves;

Uma de 34 060$80, em comum e sem determinação de parte, aos sobreditos Belmira do Espírito Santo, Delminda Morais da Cunha, Joaquim Pedro da Cunha Sampaio e Maria Helena da Cunha Sampaio;

Uma de 269 779$20 ao sobredito Egas da Silva Salgueiro;

Uma de 4 721$50, em comum e sem determinação de parte, aos sobreditos Delminda Morais da Cunha Machado, Carlos Alberto da Cunha Soares Machado, Maria Luísa da Cunha Machado, António Manuel Pinto Soares Machado e Maria João Pinto Soares Machado;

Uma de 22 150$40 à sobredita «Paula Dias & Filhos, Limitada»;

Uma de 10 601$40 à sobredita «Casimiros, Limitada»;

Uma de 6 214$50 à sobredita «Alberto Rosa, Limitada»;

Uma de 3 779$50 ao sobredito Tércio da Costa Guimarães;

Uma de 1 951$90 à sobredita «Vieira & Roque, Limitada»;

Uma de 33 718$60 à sobredita «Mercantil Aveirense, Limitada»;

Uma de 6 440$50 à sobredita «Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos, S.A.R.L.»;

Uma de 438$30 à sobredita «Empresa de Pesca de Aveiro, S.A.R.L.»;

Uma de 188$90 ao sobredito Alberto de Oliveira Carvalho;

Uma de 281$80 à sobredita «Aleluia, Limitada»;

Uma de 5 907$60 à sobredita «Empresa Cerâmica Vouga, Limitada»;

Uma de 5 314$70 à sobredita «Bóia & Irmão, Limitada»;

Uma de 101 107$90 à sobredita «Frapil — Construções e Montagens Eléctricas, S. A. R. L.»;

Uma de 3 777$20, em comum e sem determinação de parte, aos sobreditos Manuel Branco Lopes e Alberto Dionísio Branco Lopes;

Uma de 12 685$40, em comum e sem determinação de parte, aos sobreditos Maria da Anunciação Moreira Carvalho e Augusto Moreira de Carvalho;

Uma de 1 169$10 à sobredita Maria Guilhermina Vicente Ferreira;

Uma de 1 888$60 ao sobredito Alberto Casimiro Ferreira da Silva;

Uma de 5 665$80, em comum e sem determinação de parte, aos sobreditos Américo Ferreira Gomes Teixeira, Carlos Ferreira Gomes Teixeira, Maria Helena Ferreira Gomes Teixeira Rebelo,, Maria Gracinda Ferreira Gomes Teixeira Bacelar Alves;

Uma de 25 047$20, em comum e sem determinação de parte, aos sobreditos Maria Regina Marques Sobreiro, Júlio Marques Sobreiro e Telmo Marques Sobreiro;

Uma de 7 554$40, em comum e sem determinação de parte, aos sobreditos António Pimenta Gomes Teixeira, Júlia Gomes Teixeira de Melo Sereno, Maria de Lurdes Gamelas Gomes Teixeira, Maria Egemínia Gomes Teixeira Soares, Carlos Gamelas Gomes Teixeira e Anselmo Gamelas Gomes Teixeira;

Uma de 4 721$50, em comum e sem determinação de parte, aos sobreditos Gervásio Pinho das Neves Aleluia e Elisete Aleluia;

Uma de 944$30, em comum e sem determinação de parte, aos sobreditos Olímpia Ferreira Lebre e João Ferreira dos Santos;

Uma de 1 888$60 ao sobredito Manuel Nogueira Santana;

Uma de 944$30, em comum e sem determinação de parte, às sobreditas Alda de Jesus Almeida e Gomes e Maria de Almeida Gamelas;

Uma de 944$30 ao sobredito Anselmo Gamelas Gomes Teixeira;

Uma de 944$30 ao sobredito Carlos Gamelas Gomes Teixeira;

Uma de 4 721$50 ao sobredito Dr. Domingos Vicente Ferreira;

Uma de 1 888$60 ao sobredito Telmo Marques Sobreiro;

Uma de 94$40 à sobredita Maria da Conceição Faria da Cruz Sucena;

Uma de 278$30 ao sobredito Júlio Marques Sobreiro;

Uma de 3 777$20 à sobredita Virgínia da Rocha Trindade Salgueiro;

Uma de 4 721$50 ao sobredito Carlos Pinho das Neves Aleluia;

Uma de 4 957$80 ao sobredito Ernesto Correia dos Santos;

Uma de 9 443$10, em comum e sem determinação de parte, às sobreditas Rosa Malaquias da Naia, Ismália Malaquias da Naia de Seabra e Rosa Malaquias da Naia Balacó;

Uma de 153 788$40, em comum e sem determinação de parte, aos sobreditos António da Costa Ferreira, Tércio da Costa Guimarães, Belmira do Espírito Santo, Delminda Morais da Cunha, Joaquim Pedro da Cunha Sampaio, Maria Helena da Cunha Sampaio e Alberto Rosa, Limitada;

4.° — Não serão exigíveis prestações suplementares, mas os sócios poderão fazer à Sociedade, nas condições que acordarem, os suprimentos de que carecer.

5.° — A administração da Sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, ficam a cargo de três gerentes com dispensa de caução, e com ou sem remuneração, conforme for acordado, os quais distribuirão entre si as respectivas funções.

6.° — Para a Sociedade ficar obrigada, de qualquer modo, é necessária a assinatura de dois gerentes, bastando a de um só para os assuntos de mero expediente.

7.° — Fica expressamente vedado aos gerentes fazer uso da firma ou obrigá-la por qualquer forma em actos ou contratos estranhos à Sociedade, incluindo fianças, abonações, letras ou livranças de favor e outros semelhantes.

8.° — Os anos sociais corresponderão aos civis, encerrando-se os balanços no dia 31 de Dezembro de cada ano; e os lucros líquidos apurados, deduzidos cinco por cento para o fundo de reserva legal e quaisquer percentagens que os sócios destinem a outros fundos, serão distribuídos entre os sócios na proporção das suas quotas.

9.° — A cessão de quotas, no todo ou em parte, é sempre permitida entre os sócios, mas não poderá verificar-se em relação a terceiros, sem consentimento da sociedade, à qual é reservado, em todos os casos, o direito de preferência.

10.° — A Sociedade não se dissolverá pela morte ou interdição de qualquer dos sócios, continuando com os sobrevivenes ou capazes e os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito.

Parágrafo primeiro — Os herdeiros do sócio falecido, enquanto a quota estiver indivisa, nomearão entre si um que os represente na Sociedade, notificando-a da escolha dentro de 60 dias.

Parágrafo segundo — No caso de os herdeiros de um sócio falecido não desejarem continuar a fazer parte da Sociedade, poderá esta adquirir-lhes a respectiva quota pelo valor que resultar do último balanço aprovado, acrescido dos suprimentos que o titular da quota porventura tivesse na Sociedade.

11.° — As Assembleias Gerais, ordinárias ou extraordinárias, para as quais a lei não estabeleça prazos ou formalidades especiais, serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com antecedência mínima de 8 dias.

12.° — Nos casos omissos, regularão as deliberações dos sócios devidamente tomadas e as disposições da Lei de 11 de Abril de 1901 e demais legislação aplicável, com observância do disposto no artigo 1286 (hoje artigo 1167 e seu texto) do Código de Processo Civil».

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que se narra ou transcreve.

Aveiro, 17 de Julho de 1974.

O AJUDANTE,

a) *José Fernandes Campos*

LITORAL - Aveiro, 20/7/74 - N.° 1020

Reunião de Lavradores

No decorrer de uma reunião realizada no Teatro Aveirense, à qual esteve presente cerca de um milhar de lavradores da região aveirense, foram tratados diversos assuntos inerentes à Lavoura, em particular os relacionados com a Beira Litoral, onde a produção leiteira, no ano de 1973, atingiu o valor de cerca de 96 milhões de litros.

Para dar uma panorâmica sobre a actual crise da agricultura e da acção dos Grémios da Lavoura, usou da palavra o sr. Dr. Jaime Machado. O orador sugeriu, ainda, que fosse criada uma Comissão Administrativa que se pusesse à disposição do Governo para estudar os problemas de maior interesse da Lavoura, não se dissolvendo, por enquanto, o respectivo Grémio.

Assim, foi presente à Assembleia uma lista de nomes que fariam parte dessa Comissão, constituída pelos srs. Joaquim Lopes da Cunha, Dr. António José Valente, Eng.° Diamantino Laranjeira, Augusto Marques Branco, António Damas Vieira, Regente-Agrícola António Carlos Gamelas Souto, Manuel Mendes Leal, António Fernandes Rangel, Tobias Ferreira Patrão, João Conde e José Reigota, a qual foi aprovada por maioria.

Depois de vários considerandos sobre o abandono da Agricultura, especialmente no centro do País, e colocada em evidência a produção leiteira da Beira Litoral e da região de Entre-Douro e Minho, o Regente Agrícola Pinto Cardoso apresentou a seguinte moção:

«Considerando que os produtores da Beira Litoral (distritos de Aveiro e Coimbra) constituem, actualmente, a grande força da produção de leite, concorrendo anualmene para tapar as faltas de abastecimento de Lisboa com cerca de 40 000 000 de litros por ano; considerando que a Beira Litoral constitui o grande potencial do país para a produção de leite e carne, possuindo as condições naturais para o efeito e que a sua produção de leite e carne poderá ser rapidamente fomentada à custa de ajudas financeiras do Governo, propõe-se que o facto dos produtores da Beira Litoral concorrerem fortemente para o referido abastecimento, lhes dá o direito e a força moral suficiente para que o Governo faça saber publicamente as ajudas financeiras que se dispõe dar ao Alentejo, a fim de que as mesmas sejam estudadas pelos produtores da Beira Litoral e Entre-Douro e Minho, de forma a que, com menos dinheiro e uma resposta mais rápida aos mesmos, fomentem as produções de molde a abastecer os consumidores destes produtos essenciais; e que seja dado a conhecer ao Presidente da República e ao Conselho de Ministros a deliberação tomada pelo Ministério da Coordenação Económica, por não terem sido tomadas em linha de conta as regiões do norte e centro do País para o fomento do leite e carne, o que constitui uma injustiça para os produtores dessas regiões».

Antes de encerrada a reunião, e de ser aprovado o texto de um telegrama a comunicar ao Governo a eleição da Comissão Administrativa do Grémio e sua constituição, o Eng.° Diamantino Laranjeira defendeu a formação de cooperativas agrícolas, registando-se, em seguida, intervenções de diversos agricultores, sobre problemas mais ou menos momentosos para os vários sectores da Lavoura.

TAMBÉM VOCÊ PODE TER O SEU CARRO.

PARA SI E PARA A FAMÍLIA

PARA O TRABALHO E PARA AS FÉRIAS

A SATELAUTO PENSOU NO SEU CASO

A NOSSA SECÇÃO DE CARROS USADOS É PARA SI

NÃO TENHA PREOCUPAÇÕES. TENHA O SEU CARRO

★ *ECONÓMICO NO CUSTO*

★ *ECONÓMICO NO CONSUMO*

★ *FACILIDADES DE PAGAMENTO*

★ *GARANTIA*

★ *HONESTIDADE*

ESTAMOS EM:

AVEIRO (Variante de Cacia) — Telefone 91453/4

ÁGUEDA — Av. Dr. Joaquim de Melo (Junto ao Hospital)

S. JOÃO DA MADEIRA — R. Oliveira Júnior (Estrada Nacional)
Telefone 24845

satelauto

Vende-se em Aveiro

Prédio, no Cais dos Botirões, n.° 33, com frente para o Canal de S. Roque (cerca de 100 m2).

Aceitam-se ofertas.

Propostas para a COMPANHIA UNIÃO FABRIL, Delegaão Comercial do Porto, Rua de Sá da Bandeira, 84-2.°, Porto.

Para ver: dirigir-se ao Depósito da C. U. F., em AVEIRO

pontualidade com

Memomatic Omega

Omega Memomatic

O relógio de pulso que o ajuda a ser pontual, que o previne, com um sinal sonoro, da hora a que terá de satisfazer o seu próximo compromisso. É, por isso, de uma utilidade incomparável.

Omega Memomatic Ω

a sua memória automática

AGÊNCIAS OFICIAIS EM AVEIRO

OURIVESARIA MATIAS & IRMÃO

Av. Lourenço Peixinho, 78

RELOJOARIA CAMPOS

Frente dos Arcos

M. Costa Ferreira

MEDICINA INTERNA
DOENÇAS DO CORAÇAO
DOENÇAS D O SANGUE

Consultas diárias às 15 horas

Consultório: Rua Dr. Alberto Souto, n.° 34-1.°

TELEF.: { Resid. 25584 / Cons. 28216

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Pelo 1.° Juízo de Direito desta Comarca e 1.ª Secção, correm éditos de 30 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando João da Cruz Martinho, casado, ausente em parte incerta e que residiu em Estrada de S. Bernardo, desta Comarca, interessado nos autos de inventário facultativo a que se procede por óbito de Rosa Soares Marques, que foi de Vera-Cruz, Aveiro, e em que é inventariante Delfim Marques Couto, da mesma freguesia, para assistir aos termos do mesmo processo.

Aveiro, 8 de Julho de 1974.

O Juiz de Direito,

O Escrivão,

LITORAL - Aveiro, 20/7/74 - N.° 1020

DR. FERREIRA SEABRA

Médico Especialista

DOENÇA DOS OLHOS
OPERAÇÕES

Consultas a partir das 15 horas excepto aos sábados (com hora marcada) excepto urgência

Tel. Res. 031 . 96436

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 97-1.°

Telef. 25538 AVEIRO

Empregado de Escritório

— oferece-se; com o serviço militar cumprido, bastante prática de todo o serviço e com carta de condução.

Resposta a esta Redacção, ao n.° 45.

SEISDEDOS MACHADO

ADVOGADO

Travessa do Governo Civil, 4-1.°-Esq.°

— AVEIRO —

Casa na Barra

(JUNTO AO FAROL)

— VENDE-SE. Tratar pelo telefone 23809 (Aveiro).

António Brandão

ADVOGADO

Mudou o seu escritório para a Rua 31 de Janeiro, 12-1.° (Junto ao Teatro Aveirense)

Telef. 23459 — AVEIRO

A Agência da CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA - anexa ao Montepio Geral em AVEIRO

põe à sua disposição empréstimos caucionados por:

— Hipotecas sobre prédios
sobre andares

— Papeis de crédito

em condições vantajosas de juro e prazo.

Consulte-nos

Rua Conselheiro Luís de Magalhães, 9 a 13
AVEIRO

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE AVEIRO

AVISO

Os Exmos. Consumidores de electricidade e água que se ausentem para férias e tenham recibos de consumos para liquidar, deverão, no seu interesse passar pela Secretaria destes Serviços Municipalizados a fim de procederem à sua liquidação prévia, ou fazer o reforço da caução necessária.

A DIRECÇÃO

A EUROPA EM AUTOCARRO

CONHEÇA A EUROPA VIAJANDO EM AUTOPULLMAN DE LUXO, COM AR-CONDICIONADO, ACOMPANHADO DE GUIA-INTÉRPRETE DURANTE TODA A VIAGEM, COM ESTADIA EM HOTEIS DE 1.ª CATEGORIA.

PARTIDAS DE LISBOA, PORTO OU COIMBRA

PREÇOS (COM PARTIDA DE LISBOA):

ALGARVE — 4 dias	2 200$00
BADAJOZ E ÉVORA — 2 dias	890$00
MINHO E BEIRAS — 6 dias	2 750$00
MARROCOS — 13 dias (Navio/Autocarro)	9 000$00
ANDALUZIA — 8 dias	4 390$00
GALIZA e COSTA CANTÁBRICA — 9 dias	4 990$00
VIGO E CORUNHA — 5 dias	2 800$00
ITÁLIA ROMÂNTICA — 21 dias	13 950$00
LOURDES-ANDORRA-MADRID — 9 dias	4 750$00
MADRID — 4 dias	2 100$00
ESPANHA-FRANÇA-SUÍÇA-ITÁLIA - 21 dias	13 700$00
LOURDES-ANDORRA-BARCELONA-VALÊNCIA-MADRID — 12 dias	6 150$00
SUÍÇA-ÁUSTRIA-ITÁLIA — 24 dias	15 900$00
LOURDES, PARIS, ANDORRA, MADRID — 15 dias	8 390$00
PARIS-LONDRES-MADRID — 16 dias	10 500$00
FRANÇA-BÉLGICA-HOLANDA-VALE DO RENO-SUÍÇA-ANDORRA — 20 dias	13 700$00

Peça programa geral

AGÊNCIA DE VIAGENS **«OS CAPOTES»**
(FILIAL)

AVENIDA DR. LOURENÇO PEIXINHO, 223

Telefs. 28228/9 — Telex 22584 AVEIRO

SEDE EM ÍLHAVO — AGÊNCIA EM ESPINHO

— PRESENTE A CERTEZA DE BONS SERVIÇOS —

Continuações da última página

FUTEBOL

Beira-Mar Leixões

mente na ofensiva, procurando a vitoria, o desfecho que lhe interessava. E estava a actuar em nível de agrado, mostrando-se confiante, empreendedora e rematadora até.

Actuando contra o vento, que soprava forte, o Beira-Mar comandava as operações e, de tal jeito, que o guarda-redes Fidalgo logo passou a ser figura em evidência (aos 6 m,. sob forte disparo de Alemão, o **keeper** leixonense operou brilhante mas incompleta defesa — sendo afortunado, depois quando, na recarga de Bábá, a bola lhe embateu numa perna...)

Todavia, os golos não apareciam. E, em lance inesperado, com toda a aparência de manifesta sorte, o seu adversário, aos 13 m., é que se adianta no marcador! O defesa-lateral TEIXEIRA adiantara-se até à linha de cabeceira e, ao pretender centrar, levou a bola ao fundo da baliza de Arménio — fazendo-a descrever trajectória traiçoeira, com os favores de rajada de vento enganosa...

Após este desaire os aveirenses procuraram não se impressionar. E entraram, em boa verdade, na sua fase mais esclarecida, mais positiva e mais brilhante.

Momentos volvidos (15 m.), Bábá rematou contra a barra e a recarga de Jorge (após insistência de Alemão) errou o alvo por pouco. Mas, aos 20 m., a igualdade era resposta, após brilhante trabalho de Bábá, junto da marca de **corner**, a vencer a oposição de Raul e a centrar para CLEO, num fulgurante remate de cabeça, fazer um golo vistoso.

O cariz do desafio parecia favorável ao Beira-Mar, que vinha a justificar posição vitoriosa. Mas, aos 42 m., e de novo em golpe de autêntico infortúnio, os beiramarenses viram-se ultrapassados no marcador. Almeida, dentro da grande área, teve ligeira hesitação — e isso foi o bastante para, de pronto, se iniciar «tabelinha» entre Vaqueiro (ou «Pélé») e ESTEVES, que, ficando isolado, deu um passo e rematou cruzado, forte, sem defesa.

■

Reatado o desafio, esperava-se que o Beira-Mar soubesse e pudesse tirar partido do vento a seu favor. Mas (e até aqui os beiramarenses tiveram evidente **mala-pata**, dado que o vento amainou de modo nítido...) foi puro engano. Impunha-se tentar o remate de longe, em tentativas de surpreender a defensiva matosinhense — até porque este sector dos leixonenses sempre se mostrou coeso, unido, um autêntico bloco protector de Fidalgo, não abrindo brechas, nem mostrando pontos vulneráveis, ante as investidas e tentativas de perfuração contrárias.

E, salvo pouquíssimas tentativas de José Júlio — a dar o mote... —, de Bábá e de Cleo, os beiramarenses não souberam explorar essa arma. A turma local, aos 57 m., haveria de sofrer novo tento, que decidiria a sorte do desafio. O extremo VÍTOR surgiu pela faixa central, fintou Soares, em oportuno balancear do corpo, e surgiu isolado diante de Arménio, para rematar raso e vitoriosamente, levando a bola a embater na base de um poste, saltar ao poste contrário e ultrapassar, depois a linha de golo.

Foi o fim. Este terceiro «rombo» foi fatal, pôs a «barca» aveirense «a pique».

Ardilosamente, inteligentemente, o Leixões soubera explorar a sofreguidão e a falta de talento dos seus antagonistas para lançar o seu golpe final. Fê-lo, em momento oportuno e foi feliz — a sorte (que virara positivamente as costas ao seu adversário... e sempre andara de mãos dadas consigo...) é, ao cabo e ao resto apanágio dos mais fortes.

Ficou decidida, aí, a sorte do desafio — pois, enquanto o Beira-Mar ficou sem capacidade para reagir e, de então para diante, nada logrou fazer para impedir o «naufrágio» (a turma parecia partida, nos seus sectores, insegura a defender, sem esclarecimento no sector intermédio e com atacantes tímidos, desgarrados e sem hipóteses de se libertarem do espartilho em que os defesas contrários os envolviam), o Leixões entrou a jogar em grande, naquele sistema que os seus elementos tanto apreciam e no qual se encontram bem talhados.

Bola na relva, toada lenta (de triangulações a desgastar o adversário), retenção do esférico — e, de sopetão, súbitas e rápidas mutações, para ofensivas intencionais, directas à baliza, culminando-as com remates «venenosos» — tal foi o sistema dos rubro-brancos, a fazerem jus, então, à vitória que se vinha a esboçar e se concretizou, efectivamente, no termo dos noventa minutos.

*

Entre os beiramarenses, Ramalho, José Júlio e Bábá (todos na metade inicial) e ainda Soares e Inguila (na segunda parte do jogo) foram os elementos que melhor se bateram pelo triunfo, mas sem êxito, baldadamente.

Na turma forasteira, o pequeno «Pélé» foi figura relevante (o melhor homem em campo!) — mas igualmente se salientaram todo o bloco defensivo, com realce para Teixeira; e ainda Esteves, Eliseu, Vaqueiro e Fidalgo.

*

O setubalense Francisco Lobo esteve aquém dos créditos que se lhe reconhecem. Procurou ser imparcial, mas qualquer das equipas terá ficado com razões para queixas... em especial a aveirense. Não teve, porém, influência no desfecho final — pelo que (e porque os erros mais vultosos derivaram de enganosas indicações dos «bandeirinhas») será de lhe conceder nota ligeiramente positiva.

No campo disciplinar, Francisco Lobo pareceu-nos ter sido demasiado complacente para com Marques (Beira-Mar) e Teixeira (Leixões) — ambos merecedores de «cartão amarelo», mas ambos livres de qualquer punição, no critério do árbitro, mesmo após a «ardorosa» ocorrência verificada logo após o reatamento, depois dos «despiques» registados no primeiro tempo...

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 47 DO «TOTOBOLA» ★

28 de Julho de 1974

	Jogo	
1	Fafe — Beira-Mar	2
2	Atlético — Leixões	2
3	U. Lamas — Oliveirense	1
4	Covilhã — Régua	1
5	Odivelas — Almeirim	1
6	Juventude — Sacavenense	1
7	Sp. Benguela — Independente	X
8	Caála — Benfica Huambo	X
9	Dinizes — Portugal	X
10	A. Salzburgo — Heertha	1
11	Guimarães — Hamburgo	1
12	Slávia Praga — Austria	1
13	Malmoe — St. Etienne	1

Xadrez de Notícias

Em continuação do **II Torneio de Futebol de Salão dos «Koxyxur»**, registaram-se, nas últimas jornadas, os seguintes resultados.

9.ª jornada — Galo d'Ouro, 0 — — Banco Fonsecas & Burnay, 2. Viagens Os Capotes, 0 — Stave, 2. Café Grilo, 0 — Madil, 1.

10.ª jornada — Stand Justino, 0 — — Lark Malhas, 1. Café Tako, 0 — Papelaria Avenida, 0. Lusitânia, 1 — — Electro Cruzeiro, 2.

11.ª jornada — Snackbar Sheik, 3 — — Barbearia Ideal, 0. Mármores Alegria, 1 — Café Rossio, 3. Maracujás, 1 — Electronave, 0.

12.ª jornada — Casa David Cruz, 1 — Banco Espírito Santo, 0. Tonelux, 1 — Grupo Belsan, 0. Malhitel, 4 — — Barbearia Central, 0

O 'CASO, GALITOS-VILANOVENSE

O Clube dos Galitos, neste impasse, decidiu seguir o caminho que lhe foi indicado pelo Sr. Governador Civil de Aveiro no ofício, hoje transcrito, datado de 23 de Fevereiro. E, assim, em 1 de Março, endereçou ao Director-Geral da Educação Física e Desportos a exposição que adiante publicamos — e à qual, até hoje, ainda não recebeu qualquer resposta...

Eis o texto a que aludimos :

Exmo. Senhor :

Pelo Governador Civil de Aveiro foi-nos remetida, para nossa apreciação, fotocópia do ofício n.º 00997, ref.ª 05.06.06, de 14 de Fevereiro p.p. endereçado por V. Exa. ao Exmo. Senhor Governador Civil de Aveiro.

Salvo o devido respeito, permitimo-nos fazer notar que o conteúdo do ofício de V. Exa. não se relaciona perfeitamente com a forma como o assunto foi tratado, tomando como base o que nos foi transmitido pessoalmente pelo Exmo. Senhor Governador Civil de Aveiro.

Com efeito, em tempo oportuno, foi-nos comunicado verbalmente pelo Exmo. Sr. Governador Civil de Aveiro que, dada a impossibilidade de utilização do Pavilhão Gimno-Desportivo de Aveiro no dia 15 de Dezembro passado, para a realização do encontro de basquetebol Galitos-Vilanovense, e dadas as razões que então apresentámos à mesma Entidade, do jogo não poder ser efectuado noutro local, o mesmo teria sido adiado para data futura a indicar. **Acrescentou ainda o Ex.mo Senhor Governador Civil de Aveiro que V. Exa. lhe comunicou que em consequência de «démarches» pessoais efectuadas por V. Exa. junto do Exmo. Senhor Presidente da Federação Portuguesa de Basquetebol,** este garantiu a V. Exa. que o jogo em questão seria adiado.

V. Exa. decerto avaliará o estado de espírito com que, dias depois, tomámos conhecimento, através do comunicado n.º 172/73 da Federação Portuguesa de Basquetebol de que nos tinha sido averbada uma falta de comparência no citado jogo, que, entretanto tinha sido marcado para Ílhavo, o que contraria a versão que oficialmente nos foi dada pelo Exmo. Senhor Governador Civil de Aveiro.

Não reconhecemos tal presumível «falta de comparência» Não comparecemos em Ílhavo, pois as informações que possuíamos nos garantiam o adiamento do jogo...

Em face da situação, enviámos uma exposição ao Exmo. Sr. Governador Civil de Aveiro — de que juntamos fotocópia para apreciação de V. Exa. — exposição esta que serviu de base à que, o Chefe do nosso Distrito enviou a V. Exa. Não enviámos qualquer outra exposição ou comunicação sobre o caso à Federação Portuguesa de Basquetebol, pois entendemos ser a mesma despropositada, visto o assunto estar a ser tratado pelo Governo Civil de Aveiro, até porque não se tratava de um caso meramente desportivo, mas sim com outras implicações.

Perante estes factos, V. Exa. decerto compreenderá a nossa estranheza quanto ao teor do ofício já referido.

O Clube dos Galitos não pode, em verdadeira justiça, sair prejudicado — altamente prejudicado — de uma situação que foi criada, não sabemos como, e para a qual nada contribuiu.

Concluímos, pois, que V. Exa. se digne providenciar para que o problema seja solucionado da única forma justa que admitimos: anulação de falta de comparência e multa que nos foi aplicada e realização do jogo Galitos-Vilanovense — no Pavilhão Gimno-Desportivo de Aveiro — que não chegou a efectuar-se.

Confiantes no elevado espírito de justiça de V. Exa., ficamos na expectativa das notícias que entender por bem transmitir-nos.

Entretanto, com os nossos melhores e mais respeitosos cumprimentos, subscrevemo-nos,

de V. Exa., mt.º atentamente,
Pela Direcção — O Presidente

a) Vitor Falcão

■

Hoje, deixamos o «folhetim» neste ponto. Concluiremos este «dossier»-negro na próxima semana, com a divulgação de nova série de documentos. Até lá, formulamos votos de que uma lufada de ar novo — forte e saudável! — possa varrer, nas altas esferas federativas, o pó que parece querer impedir que se descubram as irregularidades cometidas e que, atempadamente, o Galitos assinalou, solicitando, apenas, JUSTIÇA!

REMO

Shell de 4 c/ tim. — Juvenis (12 h.)
1 — Clube Naval Infante D. Henrique. 2 — Clube dos Galitos.

A M A N H Ã

Shell de 4 c/ tim. — Juniores (10 h)
1 — Clube dos Galitos. 2 — Sport Clube Vianense. 3 — Clube Naval Infante D. Henrique.

Shell de 2 c/ tim. — Juniores (10.30 h.)
1 — Clube dos Galitos. 2 — Sport Clube Vianense. 3 — Clube Naval Infante D. Henrique.

Shell de 4 c/ tim. — Seniores (11 h.)
1 — Sporting Clube Caminhense. 2 — Centro de Remo e Canoagem de Lisboa. 3 — Clube Ferroviário de Portugal. 4 — Clube dos Galitos. 5 — Clube Naval Infante D. Henrique.

Shell de 2 c/ tim. — Seniores (11.40 h.)
1 — Clube Fluvial Portuense. 2 — Clube Naval de Lisboa. 3 — Sport Clube do Porto. 4 — Clube dos Galitos. 5 — Clube Náutico de Viana. 6 — Clube Fluvial Vilacondense.

Hóquei em Patins

Campeonato de Infantis

13.ª jornada — Ovarense, 2 - Sanjoanense, 0 e Curia, 1 - Mealhada, 0. **Jogo atrasado** — Curia, 5 - Sanjoanense, 1.

Classificação — Ovarense, 25 pontos. Oleiros, 23. Alba, 20. Curia, 18. Sanjoanense, 15. Mealhada, 11.

Campeonato de Iniciados

13.ª jornada — Oliveirense, 2 — — Oleiros, 7 e Curia, 8 — Mealhada, 1. **Jogo atrasado** — Curia, 1 — Sanjoanense, 10.

Classificação — Sanjoanense, 30 pontos. Ovarense, 23. Oleiros, 20. Curia, 16. Mealhada, 12. Oliveirense, 11.

Campeonato de Juvenis

5.ª jornada — Anadia, 1 — Sanjoanense, 12 e Alba, 1 — Oliveirense, 2.

Classificação — Sanjoanense, 15 pontos. Oliveirense, 11. Alba e Anadia, 7.

Campeonato de Juniores

5.ª jornada — Cucujães, 0 — Curia, 7.

Classificação — Curia e Lamas, 7 pontos. Cucujães, 2.

A ESTREIA DOS JUVENIS DO ESTARREJA

Na tarde de sábado, no Pavilhão do Beira-Mar, e numa jornada com patrocínio da Associação de Patinagem de Aveiro, a turma de hoquistas juvenis do Clube Desportivo de Estarreja fez a sua estreia na modalidade.

A festa — de festa, de facto, se tratou para os dirigentes da A.P.A. e para os amantes do hóquei em patins — revestiu-se de aspectos curiosos, como sejam : a circunstância da entrada em rinque dos estarrejenses se verificar entre alas formadas pelos hoquistas do Anadia, que «apadrinharam» a estreia e, com o **sticks**, formaram um túnel sob o qual passaram os seus adversários; e o facto de se manterem no centro do rectângulo, saudando os estarrejenses, os moços e moças (cerca de meia centena!) das escolas de patinagem do Beira-Mar, acompanhados pelo seu dedicado orientador, Luís Neves.

No jogo que se seguiu, dirigido por Carlos Pires, as turmas alinharam deste modo :

ESTARREJA — Veiga, Custódio (1), Gabriel, Telmo (1), Mota, Albano, Chico e Franque.

ANADIA — Lopes, Acácio (2), Castro (1), Ferreira (1), Dias (2), e Rocha.

Portanto, êxito dos bairradinos por 6-2 — com a marca de 2-0, ao intervalo.

Vitória certa da turma mais experiente e mais rodada. Mas promissoras actuações dos debutantes estarrejenses (o quarda-redes, Veiga, e o «capitão» da equipa, Custódio, foram figuras notadas entre os jovens orientados pos Fernando Sousa — um dos «responsáveis» pela entrada do hóquei em patins em Estarreja). Agora, há que continuar — pois com a continuação se aprenderá e se aperfeiçoarão os pontos que urge limar e melhorar.

DERROTA, SEM APELO, DUMA EQUIPA SEM SORTE...

BEIRA-MAR, 1—LEIXÕES, 3

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Francisco Lobo, coadjuvado pelos srs. Valdemar Nogueira (que seguiu o ataque do Beira-Mar) e João Esteves (que acompanhou os dianteiros do Leixões) — todos da Comissão Distrital de Setúbal.

As equipas :

BEIRA-MAR — Arménio; Ramalho, Inguila, Soares e Carlos Marques (Colorado, aos 60 m.); José Júlio, Bábá e Almeida; Jorge (Edson, aos 65 m.), Cleo e Alemão.

LEIXÕES — Fidalgo; Teixeira, Adriano, Nicolau e Raúl; «Pélé», Eliseu e Esteves; Vaqueiro, Horácio (Montoia, aos 77 m.) e Vitor (Neca, aos 72 m.).

*

De tantas vezes repetida, a afirmação pode não ser levada a sério, considerando-se desculpa sem fundamento. Mas a verdade é esta, nua e crua: o Beira-Mar é, fora de dúvidas, uma equipa sem sorte!

Isto se provou, uma vez mais, no passado domingo, no encontro inaugural da segunda volta da «liguilla» — a malfadada prova de competência para que os beiramarenses se viram arrastados por série infindável de contingências adversas e que, pela incompetência, em nível de dirigentes do futebol nacional, se está a disputar em tempo impróprio... Tratava-se de jogo praticamente decisivo, de jogo que o Beira-Mar tinha de vencer — no intuito de colocar em «rumo» certo, no «mar» proceloso em que se encontra a sua «nau», que todos ambicionamos ver chegar a um «porto seguro».

Mas tudo se veio a complicar. Os auri-negros sofreram novo e deveras comprometedor desaire. E, agora, têm absoluta necessidade de vencer os derradeiros encontros — a disputar fora de Aveiro: amanhã, em Lisboa, contra o Atlético; e, oito dias volvidos, em Guimarães, contra o Fafe. É sem dúvida, tarefa árdua, difícil, ingrata — até porque os alcantarenses, amanhã, entre os seus adeptos, jogam igualmente a sua decisiva cartada...

No entanto, algo nos segreda, bem no íntimo, que a «tormenta» ainda poderá ser vencida... É uma esperança que não hesitamos em divulgar — pois confiamos no brio dos autênticos profissionais que integram o conjunto do Beira-Mar e na possibilidade que têm, nesta fase crucial, de «remarem contra a maré» e de vencerem os derradeiros «escolhos».

*

Regressemos, no entanto, ao jogo do pretérito domingo, e recordemos o que se passou sobre o relvado.

A turma local entrou deliberada-

Continua na penúltima página

«LIGUILLAS»

I/II DIVISÃO

Resultados da 4.ª jornada

Fafe - Atlético 2-2
BEIRA-MAR - Leixões 1-3

Tabela classificativa

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Leixões	4	3	1	0	12-3	7
Atlético	4	1	2	1	6-10	4
Fafe	4	0	3	1	6-8	3
BEIRA-MAR	4	1	0	3	6-9	2

Jogos para amanhã

Leixões - Fafe (1-1)
Atlético - BEIRA-MAR (2-1)

II/III DIVISÕES — Norte

Resultados da 3.ª jornada

OLIVEIRENSE - LAMAS . . . 1-0
Régua - Covilhã 3-0

Resultados da 4.ª jornada

LAMAS — Covilhã 2-1
OLIVEIRENSE - Régua . . . 2-0

Tabela classificativa

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
OLIVEIRENSE	4	3	0	1	5-4	6
Régua	4	2	1	1	8-3	5
LAMAS	4	1	1	2	3-5	3
Covilhã	4	1	0	3	3-7	2

Jogos para amanhã

Régua - LAMAS (1-1)
Covilhã - OLIVEIRENSE (0-2)

• PESCA •

CONCURSO DE MOLHES DO RECREIO ARTÍSTICO

No prosseguimento das competições inter-sócios programadas para a presente temporada, a Secção de Pesca Desportiva da Sociedade Recreio Artístico levou a efeito o seu **II Concurso de Molhes**, que, na derradeira prova, teve a seguinte classificação :

1.º — José da Silva Ravara. 2.º — António Ferreira Duarte. 3.º — José César dos Reis Rodrigues.

Assim, e no termo do aludido **II Concurso de Molhes**, a classificação geral ficou ordenada como segue:

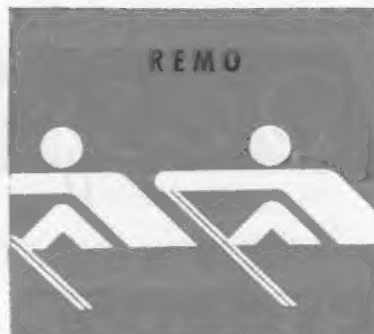
1.º — José César dos Reis Rodrigues. 2.º — José da Silva Ravara. 3.º — Manuel Neves da Graça. 4.º — António Ferreira Duarte. 5.º — Amílcar de Freitas Correia dos Santos.

• NATAÇÃO •

CALENDÁRIO DE PROVAS

A Associação de Desportos de Aveiro, depois das alterações que entendeu introduzir no seu calendário de provas oficiais, marcou para ontem, dia 19, com início às 21.30 horas, um **Torneio Aberto** — para nadadores de «Escolas», Infantis, Juvenis, Juniores e Seniores.

Nos dias 26 (com início às 21.30 horas) e 27 (em hora a estabelecer), teremos o Campeonato Regional de Infantis, Juvenis, Juniores e Seniores.

Em 27 de Setembro, haverá o **Festival de Encerramento** — a que deverá assistir o Presidente da Federação Portuguesa de Natação.

No Porto — Hoje e Amanhã

CAMPEONATOS NACIONAIS

A Federação Portuguesa do Remo marcou para o Porto os Campeonatos Nacionais de Velocidade — que se irão disputar, hoje e amanhã, no Rio Douro, entre a Ponte da Arrabida e a Ponte de D. Maria.

Espera-se a presença de 430 atletas, representando a quase totalidade dos clubes federados na F.P.R. e foram programadas trinta finais.

O Clube dos Galitos inscreveu-se em sete regatas, em que, conforme adiante referimos, terá os seguintes adversários (a ordem indicada é a das pistas sorteadas pelos concorrentes):

HOJE

Yolles de 4 — Juvenis (10.50 h.)

1 — Centro de Remo e Canoagem de Lisboa. 2 — Clube dos Galitos. 3 — Sport Clube Vianense.

Yolles de 4 — Juniores (11.30 h.)

1 — Centro Desportivo da Escola Náutica Infante D. Henrique. 2 — Grupo Desportivo do Prado. 3 — Centro de Remo e Canoagem de Lisboa. 4 — Clube dos Galitos. 5 — Grupo Desportivo da C.U.F. 6 — Clube Fluvial Portuense. 7 — Clube Fluvial Vilacondense.

Continua na penúltima página

PROVAS DA ASSOCIAÇÃO DE PATINAGEM DE AVEIRO

TAÇA «HENRIQUE ESTEVES»

3.ª jornada

SANJOANENSE - BEIRA-MAR 6-2

Classificação

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sanjoanense	2	2	0	0	11-5	6
Beira-Mar	2	1	0	1	10-11	4
Oliveirense	2	0	0	2	8-13	2

A competição tem esta noite, em Oliveira de Azeméis, o início da segunda volta, com o encontro OLIVEIRENSE - BEIRA-MAR — prosseguindo na segunda-feira, em S. João da Madeira, com o jogo SANJOANENSE - OLIVEIRENSE (precedido do prélio de reservas entre os dois clubes), e finalizando na sexta-feira, em Aveiro, com o desafio BEIRA-MAR - SANJOANENSE.

SANJOANENSE, 6 BEIRA-MAR, 2

Jogo no Pavilhão de S. João da Madeira, na penúltima sexta-feira, sob arbitragem do sr. Raúl Baptista.

As aquipas :

SANJOANENSE — Licínio, Machado (2), Azevedo, Eça (2), Carlos Ferreira, Esteves (2), Jaime e Lopes.

BEIRA-MAR — Marques (José Rui), Furtado, Tavares (1), Artur, Munauel Carlos (1), Marcelino e Menício.

Desfecho enganador, o registado no final do desafio. De facto, com 1-1 até ao intervalo, a marca encontrava-se em 2-2 a curtos minutos do termo do desafio — só então os sanjoanenses, aproveitando ligeira quebra dos beiramarenses, conseguindo chamar a si o triunfo, por números que pecam pelo exagero...

Continua na penúltima página

Um «dossier»-negro do Basquete Nacional

O 'CASO, GALITOS-VILANOVENSE

Na sequência da análise feita a este momentoso problema, e como se prometeu no número do LITORAL da semana finda, vamos continuar a divulgação de peças do «dossier»-negro do Basquete Nacional, relacionadas com o «caso» do jogo (que não chegou a haver...) Galitos-Vilanovense, em que os aveirenses averbaram falta de comparência.

Após a carta-exposição, datada de 5 de Janeiro, do Clube dos Galitos ao Governador Civil de Aveiro, aqui dada a público no último número, foi recebido, com data de 23 de Fevereiro, um ofício (n.º 312/74/D — Proc. Y-3) do Governo Civil de Aveiro, endereçado ao Presidente da Direcção do Galitos. Eis o seu teor :

Com referência ao ofício de V. Exa., datado de 5 de Janeiro findo, referente à sanção imposta a essa colectividade pela Federação Portuguesa de Basquetebol, para conhecimento de V. Exa. e efeitos convenientes, remeto a V. Exa. fotocópia da informação que sobre o assunto me foi prestada pela Direcção-Geral dos Desportos, a quem deve agora a Colectividade explicar a falta de comparência ao jogo.

A fotocópia a que se alude, do ofício n.º 00907, de 14 de Fevereiro, da Direcção-Geral de Educação Física e Desportos para o Governador Civil de Aveiro, é uma resposta ao ofício n.º 41/74/D, de 12 de Janeiro, do Chefe do Distrito ao Director-Geral dos Desportos. São dois documentos importantes , que adiante se transcrevem, por ordem cronológica :

— Primeiro, a carta do Governador Civil de Aveiro ao Director-Geral dos Desportos :

A Federação Portuguesa de Basquetebol, através do seu comunicado n.º 172/73, surpreendentemente, averbou falta de comparência ao Clube dos Galitos no jogo que deveria efectuar com o Vilanovense no passado dia 15 e aplicou uma multa da importância de 500$00.

O citado encontro, inicialmente marcado para o dia 15 no Pavilhão Gimno-desportivo da cidade, teve de ser adiado em virtude de as referidas instalações, nesse dia, estarem ocupadas para o jantar de homenagem a Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional e não haver na cidade, outro recinto disponível.

Dignou-se V. Exa. comunicar-me que por «démarches» pessoais efectuadas junto do Presidente da Federação Portuguesa de Basquetebol, o mesmo informara V. Exa. que o encontro em causa tinha sido adiado.

Como se comprende agora esta decisão da Federação?

É urgente solucionar este pequeno incidente.

Certo da atenção que V. Exa. se dignará dispensar ao assunto, solicito de V. Exa. a fineza de interceder junto da Federação a revisão de tal decisão.

Testemunho a V. Exa. os melhores cumprimentos de elevada consideração.

A BEM DA NAÇAO
PELO GOVERNADOR CIVIL

a) — O SECRETARIO
DO GOVERNO CIVIL

Por fim, resposta:

Em resposta ao ofício de V. Exa. n.º 41/74/D P.º Y-3, de 1 2 de Janeiro findo, tenho a honra de comunicar que segundo informação da Federação Portuguesa de Basquetebol, o jogo que o Clube dos Galitos deveria efectuar com o Vilanovense F. C. no Pavilhão de Aveiro, em 15 de Dezembro, foi oportunamente transferido para o Pavilhão do Illiabum Clube (Comunicado n.º 169/73 da Federação, de 11 de Dezembro), para o mesmo dia, às 22,30 horas, em virtude da impossibilidade de utilização do Pavilhão de Aveiro.

Dado que o Clube não compareceu em campo foi, por tal facto, punido com multa e falta de comparência.

Apresento a V. Exa. os meus melhores cumprimentos.

A bem da Nação

O Chefe de Divisão

a) — ilegível

Continua na penúltima página

RECORTES

Rubrica coordenada pelo DR. LÚCIO LEMOS

LUGAR DO FUTEBOL NO NOVO DESPORTO PORTUGUÊS

«O futebol, que é tão válido como outro espectáculo qualquer, tinha a posição número um, junto dos clubes, para que estes fizessem o fomento desportivo das grandes massas. Tal nunca sucedeu.

Os dirigentes dos clubes nunca pensaram noutra coisa que não fosse resolver os problemas imediatos das suas gerências.

O problema todo era a vitória no Campeonato, no seu mandato, só para o primeiro «team» — e bem pouco mais...

Nunca se incomodaram com o futebol ou com a juventude.

Este estado de coisas conduziu-nos a uma actual situação ridícula como se pode comprovar, recorrendo às estatísticas.

Se considerarem um clube grande, o Benfica — que até cito por ser o meu, há mais de quarenta anos — podemos observar que no conjunto das quatro categorias — iniciados juvenis, juniores e seniores — o número total de jogadores é, apenas, de 120!

Para um clube em que o futebol é o desporto principal e que, através dele, já alcançou tanto prestígio e popularidade, convenhamos que é muito curto... Por exemplo, em juvenis o Benfica dispõe de 25 jogadores, menos — repare-se bem — que o Sport Lisboa e Aguias que tem 27, o União de Tires, que dispõe de 30, o Desportivo de Loures com 36 e o Casa Pia, com 41.

Se passarmos aos júniores, temos o Benfica com 20, contra o Odivelas (também da 1.ª Divisão Distrital) com 46, enquanto na II Divisão, vamos encontrar o Alenquer e Benfica com 24, o Desportivo de Mafra com 26, o Oeiras também com 26, o Boa Hora com 27, o Belavista com 37... Mas, mesmo nos futebolistas séniores, verifica-se que o Benfica inscreveu 36 na A.F.L., enquanto o Malveira tem 37 o Arroios 44, o Sport Lisboa e Fanhões 45, o Portosalvo 49.

Quem diz o Benfica diz os outros grandes do futebol português que acabam por movimentar muito menos praticantes do que os clubes com possibilidades bem mais reduzidas.

....

«Um erro fundamental do nosso desporto é a não distinção rigorosa entre desporto propriamente dito e espectáculo desportivo.

Como tantas vezes tenho dito, os dinheiros públicos terão de ser para aqueles, para os desportos, e estes, os espectáculos desportivos, bastarem-se com as receitas próprias. São coisas diferentes. O facto de se pugnar por haver muitos praticantes em nada poderá prejudicar o desenvolvimento do espectáculo desportivo.

Um exemplo do que estou a dizer é o caso da Suécia onde, em informação rigorosa prestada em trabalho editado no I.N.E.F. pelo Prof. Ruben Marques, antigo aluno do Liceu de Oeiras e hoje cidadão sueco, um domingo normal de futebol, naquele país, movimenta cerca de um milhão de espectadores, para nada menos de 300 jogos! Isto equivale a uma média de trezentas pessoas por jogo, mas pessoas — e isto é muito importante — que são também praticantes ou dos desportos de massa característicos dos suecos ou mesmo de futebol: são quatro milhões e meio de pessoas inscritas nas federações desportivas desse país cuja população só há pouco atingiu os oito milhões de habitantes».

(Palavras do Prof. José Esteves, in «A Bola» de 9/5/74)

XADREZ de NOTÍCIAS

A Selecção de Aveiro de «Cadetes» em basquetebol, teve agradável comportamento no **Torneio Rainha Santa**, realizado em Coimbra. Batida por 47-45, após prolongamento (44-44, ao cabo do tempo regulamentar normal) pela Selecção do Porto, que viria a ganhar a prova, derrotou, depois por 60-30, a turma da Figueira da Foz.

O atleta Mário Cordeiro, do Beira-Mar, participou no Campeonato Nacional de Seniores, classificando-se em 9.º lugar na prova dos 5 000 metros.

Nas provas de natação realizadas, há dias, em Coimbra, e integradas no **Torneio Rainha Santa**, o Sporting de Aveiro esteve presente, com alguns nadadores infantis e juvenis, que obtiveram os seguintes resultados:

Alberto Briosa e Gala — 2.º lugar em 100 metros-costas; Pedro Laffont Silva — 4.º lugar em 100 metros-livres; Ramiro Terrível — 3.º lugar em 100 metros-bruços; e Pedro Leitão Lemos — 4.º lugar em 100 metros-bruços.

A Federação Portuguesa de Patinagem desatendeu solicitações do F. C. do Porto e do Valongo, averbando-lhes derrotas, por falta de comparência, nos jogos que teriam de disputar, respectivamente em S. João da Madeira e em Aveiro, com a San- **...-Mar — em 29 de**